



Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP-UERJ

Departamento de Línguas e Literaturas

Equipe de Língua Portuguesa e Literaturas

Coordenador: Lucas Matos

Disciplina: Literatura

Professores: Adriana Gonçalves e Carlos Henrique Fonseca

Nome: _____ Turma: _____ Data: _____

APOSTILA 1: ARCADISMO

TEXTO I: “OLHA, MARÍLIA, AS FLAUTAS DOS PASTORES” – BOCAGE

Olha, Marília, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zéfiros brincar por entre flores?

Vê como ali beijando-se os Amores
Incitam nossos ósculos ardentes!
Ei-las de planta em planta as inocentes,
As vagas borboletas de mil cores.

Naquele arbusto o rouxinol suspira,
Ora nas folgas a abelhinha para,
Ora nos ares sussurrando gira:

Que alegre campo! Que manhã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,
Mais tristeza que a morte me causara.

(In: *Sonetos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995, p. 36)

TEXTO II: “DESTES PENHASCOS FEZ A NATUREZA” – CLÁUDIO MANUEL DA COSTA

Destes penhascos fez a natureza
O berço em que nasci! oh quem cuidara
Que entre penhas tão duras se criara
Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os tigres, por empresa
Tomou logo render-me; ele declara
Contra o meu coração guerra tão rara
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano,
A que dava ocasião minha brandura,
Nunca pude fugir ao cego engano:

Vós, que ostentais a condição mais dura,
Temei, penhas, temei; que Amor tirano
Onde há mais resistência, mais se apura!

(In: *Antologia de Poesia Brasileira I*, organizada pelo Prof. Dr. Gilberto Araújo. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2013, p. 3)

TEXTO III: “LIRA I” – TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA (FRAGMENTO)

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato, d’expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal, e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte,
Dos anos inda não está cortado:
Os pastores, que habitam este monte,
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o próprio Alceste:
Ao som dela concerto a voz celeste;
Nem canto letra, que não seja minha,
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Mas tendo tantos dotes da ventura,
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,
Depois que teu afeto me segura,
Que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marília, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte, e prado;
Porém, gentil Pastora, o teu agrado
Vale mais q’um rebanho, e mais q’um trono.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

[...]

Leve-me a sementeira muito embora
 O rio sobre os campos levantado:
 Acabe, acabe a peste matadora,
 Sem deixar uma rês, o nédio gado.
 Já destes bens, Marília, não preciso:
 Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;
 Para viver feliz, Marília, basta
 Que os olhos movas, e me dê um riso.
 Graças, Marília bela,
 Graças à minha Estrela!

Irás a divertir-te na floresta,
 Sustentada, Marília, no meu braço;
 Ali descansarei a quente sesta,
 Dormindo um leve sono em teu regaço:
 Enquanto a luta jogam os Pastores,
 E emparelhados correm nas campinas,
 Toucarei teus cabelos de boninas,
 Nos troncos gravarei os teus louvores.
 Graças, Marília bela,
 Graças à minha Estrela!

Depois de nos ferir a mão da morte,
 Ou seja neste monte, ou noutra serra,
 Nossos corpos terão, terão a sorte
 De consumir os dois a mesma terra.
 Na campa, rodeada de ciprestes,
 Lerão estas palavras os Pastores:
 “Quem quiser ser feliz nos seus amores,
 Siga os exemplos, que nos deram estes.”
 Graças, Marília bela,
 Graças à minha Estrela!

(Disponível em:

<https://www.academia.org.br/academicos/tomas-antonio-gonzaga/textos-escolhidos>. Último acesso: 05/02/2024)

□ Arcadismo: linhas gerais

No século XVIII, a literatura caminhou para uma tendência de valorizar a **busca do natural e do simples**, bem como uma poesia que tivesse **esquemas rítmicos mais “graciosos”**, de maneira que esse período estético, o Arcadismo, apoiado também nos **ideais iluministas**, apresenta uma **expressão poética** em que há uma forte defesa do **racional**, do **claro**, do **regular** e do **verossímil**. Nesse sentido, é importante atentar para as seguintes tendências estéticas:

1. **Recuperação de temas clássicos:** os poetas árcades retomam alguns temas da clássica poesia greco-romana, daí porque o Arcadismo também faz parte de um movimento denominado como **Neoclassicismo**. Os temas mais retomados dos clássicos gregos e latinos são: **fugere urbem** (a fuga da cidade e a valorização da vida no campo); **aurea mediocritas** (a valorização das coisas simples, focalizadas pela razão e pelo bom senso); **locus amoenus** (a natureza, em oposição à cidade, é um lugar de paz e **idealizado**); **inutilia truncat** (cortar o inútil, de maneira a eliminar os excessos e buscar por uma linguagem mais simples) e **carpe diem** (aproveitar intensamente o presente, já que a passagem do tempo é algo que traz a velhice, a fragilidade e a morte);
2. **Pastoralismo:** com base na ideia do **bom selvagem**, o eu-lírico dos poemas árcades costuma usar **pseudônimos** e se assumir como um pastor, vivendo em meio à natureza;
3. **Pré-Romantismo:** percebemos, nos poemas acima, que o **forte tom de lirismo** e o fato de a **natureza**, por muitas vezes, **expressar e reforçar os sentimentos** do eu-lírico são indícios de tendências que serão amplamente exploradas no Romantismo (século XIX).

Por fim, é importante também que a seguinte reflexão seja feita: uma tendência estética apoiada no Iluminismo e, no caso do Brasil, situada histórica e socialmente no período da **Inconfidência Mineira**, é extremamente **crítica**. Em certo sentido, essa fuga do eu-lírico para o espaço idealizado da natureza também revela que a experiência na

cidade / na Corte é extremamente problemática. Assim, a poesia árcade, através de certos “silêncios”, também revela uma **subjetividade em conflito**.

(Fonte consultada: BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006)

QUESTÕES

01) Na última estrofe do **texto I**, a caracterização da natureza funciona como um argumento para convencer Marília do quanto ela é amada. **Explique** qual é a relação estabelecida entre a **natureza** e os **sentimentos do eu-lírico**.

02) Com base na leitura do **texto II**, responda: que relação o eu-lírico estabelece, na primeira estrofe, entre o **espaço e si mesmo**?

03) Há, no **texto III**, uma relação intrínseca entre a **fuga da cidade** e a **experiência amorosa**. **Explique** essa afirmativa.
